

# Bancos exigem mudança no Plano Brady

**JOSÉ MEIRELLES PASSOS**  
Correspondente

WASHINGTON — Banqueiros privados e o Governo americano travaram ontem, aqui, um duelo verbal por causa do Plano Brady, que prevê a redução de parte da dívida externa dos países em desenvolvimento. A discussão, que cada dia se torna mais acalorada, acabou colocando

em segundo plano os debates sobre o aumento do capital do Fundo Monetário Internacional (FMI), logo no primeiro dia de sua reunião semestral — que continuará até a próxima terça-feira.

Uma revisão formal do Plano Brady está programada para amanhã. Ela será feita pelos Ministros de Economia e Presidentes de banco centrais dos países ricos — o chamado Grupo dos Sete. Por isso, os ban-

queiros estão desfechando um derradeiro ataque às vésperas de tal encontro.

Eles continuam insistindo na necessidade de se alterar a estratégia concebida um ano atrás pelo Secretário do Tesouro, Nicholas Brady. Enquanto assessores desse funcionário, que se encontrava na Europa, rebatiam que embora haja espaço para "alguns retoques", o Governo americano não vê necessidade de se

alterar as linhas principais desse

programa.

Sem dúvida, houve algum pro-

gresso com relação ao problema da dívida no último ano. Mas está na hora de promover algumas mudanças. Uma delas seria a derrubada de

uma exigência do Banco Mundial que proíbe um país que faça empréstimos com nenhum país que tenha deixado de pagar os juros aos bancos. Horst Schulman, que é Diretor Geral do IF, disse que, além dis-

so, os banqueiros querem que o Fundo exija dos países devedores uma informação precisa sobre o volume

da

dívida que essas nações têm re-

comprado no mercado secundário.

Essa informação, que os países

escondem, é essencial para determinar-se o volume de dinheiro novo

que esses países realmente necessi-

tam obter, tanto dos bancos privados

como das instituições multilaterais

— disse Schulman.